

# 15:17 destino paris

anthony sadler, alek skarlatos,  
spencer stone e jeffrey e. stern

Tradução de Francisco Moreira e Rui Azeredo



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para a minha família — S. S.

Para a Zoe — A. A. S.

Para a minha família — A. S.



# ÍNDICE

<b>PRÓLOGO: ANTHONY SADLER .....</b>	<b>15</b>
<b>AYOUB .....</b>	<b>26</b>
<b>PARTE 1: SPENCER STONE .....</b>	<b>29</b>
<b>AYOUB .....</b>	<b>119</b>
<b>PARTE 2: ALEK SKARLATOS .....</b>	<b>125</b>
<b>AYOUB .....</b>	<b>192</b>
<b>PARTE 3: ANTHONY SADLER .....</b>	<b>199</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>263</b>
<b>NOTAS .....</b>	<b>264</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>275</b>





Amesterdão \*

Berlim

Bruxelas

Munique

Veneza

Roma

Início da  
viagem dos  
autores

Retorno a Bruxelas

Para Istambul



*O acaso é, talvez, o pseudónimo de Deus  
quando Ele não quer assinar.*

Théophile Gautier





# PRÓLOGO

**ANTHONY SADLER,  
CAVALEIRO DA LEGIÃO DE HONRA**

**TERÇA-FEIRA, 18 DE AGOSTO, 11:30**

**Anthony Sadler:**

Ainda estou vivo, pai. Estamos em Amesterdão num hostel da A&O. Ficamos aqui até sexta

**Pastor Sadler:**

Está bem, filho — e como estás?

**Anthony Sadler:**

Tudo bem, tenho de sair do *wi-fi* — ligo mais tarde

**Pastor Sadler:**

OK

**QUINTA-FEIRA, 20 DE AGOSTO, 23:07**

**Anthony Sadler:**

Olá, pai, são agora 8 da manhã de sexta aqui. Vamos sair de Amesterdão para Paris hoje às 15 e chegamos lá pelas 18. Depois envio SMS das infos hotel mal saiba

**Pastor Sadler:**

OK, filho

**SEXTA-FEIRA, 21 DE AGOSTO, 16:43**

**Anthony Sadler:**

Liga-me, pai

## COMBOIO THALYS N.º 9364

Algures no norte de França.

Quinhentos e cinquenta e quatro passageiros a bordo.

SPENCER ESTANCA A FERIDA pulsante do pescoço de Mark com dois dedos. À medida que o comboio atravessa a paisagem rural a mais de 240 quilómetros por hora, ele tenta estancar a artéria carótida de Mark. Se não o fizer, Mark morrerá.

Anthony olha de cima.

Se há gritos, Anthony não os ouve. Se o som do vento a bater nas janelas é forte, ele não se apercebe. Está totalmente focado. O terrorista está amarrado, como um porco, no chão. Mark geme. Para Anthony, é como se aquelas duas pessoas debaixo dele fossem as únicas no mundo.

A carpete está cheia de sangue. Tanto sangue. Tudo está surpreendentemente tranquilo.

A campainha que assinala a abertura e o fecho de porta das carruagens é o único outro som audível, um pio estranho e antisséptico. Anthony bem que se poderia encontrar nos corredores silenciosos de um hospital. Nada disto parece real. *Fomos nós que fizemos isto?*

O comboio continua a avançar rápido e suave — como de costume —, como se tivessem apenas imaginado o que acabou de acontecer. O movimento é quase apaziguador. Ninguém parece estar com medo. Ninguém parece estar *aqui*. Não há pessoas externas àquelas que desempenharam um papel no drama que acaba de ter lugar. Ninguém a não ser aqueles com quem está preocupado de imediato. Parece ter bloqueado tudo o resto da sua mente.

Bloqueou muitas coisas da sua mente. Incluindo algumas coisas importantes, como a ideia de que o terrorista poderá não ter agido sozinho — poderá haver mais dois, ou cinco, escondidos a bordo, prontos a atacar. Não há nenhuma boa razão para pensar que é apenas um. Ainda assim, ou pelo menos para Anthony, só há um. Este homem solitário absorveu-lhe toda a atenção, tornou-se o único problema a resolver, e de momento é-lhe totalmente impossível pensar em seja o que for que não esteja à sua frente.

É como se o cérebro dele se emparedasse como um cofre, e apenas deixasse a luz entrar de vez em quando pelas fendas no metal.

Alek está de volta — onde é que tinha ido? Tinha desaparecido com a metralhadora, mas está de regresso, a apanhar munições e a colocar as armas num saco.

Será que isto aconteceu mesmo?

Alek tentou matar um homem. Enquanto Spencer o estava a tentar estrangular. Alek encostou a metralhadora à têmpora do terrorista para que a bala lhe atravessasse a cabeça e depois penetrasse Spencer. Anthony estava a tentar controlar o terrorista quando um dos seus amigos quase matou o outro. Mas a arma não disparou. Anthony não sabe por que razão.

NINGUÉM IRÁ ACREDITAR NISTO. Nem Anthony tem a certeza se acredita. Não parece real. Parece que se tornou uma personagem de videojogo, em que os pensamentos dele não contam lá muito para o caso, e se tivesse tornado apenas um espectador das suas próprias ações. Está tudo tão tranquilo e silencioso, mas mesmo assim não é ainda possível compreender o facto de que a sua vida mudou para sempre.

Ele saca do telemóvel e começa a filmar. Precisa de mostrar isto aos seus amigos, e a si próprio.

Ele não está a pensar sobre provas. O que ele está a fazer nem sequer se parece muito com pensar. É mais uma reação.

Ele estava a reagir há uns momentos quando estavam a amarrar o terrorista e escutou um ruído atrás dele. Um gemido? Virou-se e reparou logo em três coisas distintas ao mesmo tempo — um homem numa camisa encharcada, sangue a espirrar como um geiser pelo corredor fora, e os olhos do homem a dirigir-se para o teto, como se qualquer coisa importante se tivesse ali colado.

Depois o pescoço desconstraiu-se, o queixo colapsou para o peito e o homem rodou sobre ele mesmo e para fora do assento.

Anthony viu isto tudo em alta resolução e detalhe perfeito, como se fosse capaz de, apenas observando, ver as coisas em câmara lenta. Ele tinha um superpoder.

Depois isto: uma poça de sangue espalhou-se de debaixo do homem em direção aos assentos.

*Olha para o sangue.* Era brilhante, pulsava, e uma das lições de anatomia veio-lhe à memória — *brilha porque é oxigenado, por isso é sangue*

*arterial* —, sangue que deveria seguir para o cérebro do homem estava a ser derramado na carpete, o que significava que ele estaria bem pior do que parecia.

Anthony começou a correr. Atirou-se através da porta para a carruagem da frente e gritou. Alto demais? O corpo dele estava cheio de uma nova força que não conseguia controlar de todo. «Alguém fala inglês?»

«Aqui», «Eu falo», «Sim», responderam dez pessoas, uma dúzia, todas com sotaques diferentes.

«Alguém tem uma toalha?»

Silêncio, confusão. *Vão-se lixar*, e ao mesmo tempo decidiu que uma toalha também nunca seria suficiente. De volta à sua carruagem, de volta a Spencer no chão, Spencer ainda a apertar nós e a dizer-lhe que um homem se esvaía em sangue atrás dele. Spencer limpou o sangue do seu rosto, ras-tejou até Mark e arrancou a sua camisa para a usar como penso. «Vou só... Vou tentar ligar o buraco.» Spencer avançou para o pescoço de Mark, e sem mais nem menos a hemorragia parou.

Spencer não se mexeu deste então. Anthony ficou sobre ele, de guarda, a olhar para baixo enquanto Spencer se mantinha quieto, de mãos e joelhos no chão, sem camisa, ensanguentado, de dedos enfiados no pescoço de outro homem, uma imagem tão absurda que era quase risível.

Quando é que isto aconteceu? Há um minuto? Uma hora?

Anthony não consegue formar as memórias como deve ser. O seu sentido do tempo está distorcido. Os sistemas do seu cérebro que formam as memórias foram dominados para libertar tanta adrenalina que o esófago parece ter-se fechado. Não dormirá nos próximos quatro dias, e o seu sentido do tempo tornou-se plástico.

E onde está Alek?

Para Anthony, o seu amigo Alek parece estar apenas parcialmente presente. Está aqui agora, depois desaparece, depois regressa, já não é uma pessoa completa, mas apenas fragmentos e imagens na visão de Anthony. Ali está ele a cortar a camisa de Mark. Depois desaparece. Afastando-se com a metralhadora, depois voltando. Alek parece-se com uma daquelas pessoas vistas em ferrotípias antigas que fugiram a meio da exposição, deixando para trás apenas um resíduo esborratado e fantasmático na memória de Anthony.

Essa é uma das outras razões pelas quais nada disto parece real. Nada disto faz *sentido*. Não faz sentido que se esteja tão calmamente no comboio.

Não faz sentido que Alek não pare de desaparecer.



Mas sobretudo não faz sentido que Spencer tenha saltado do seu lugar tão rapidamente. É como se ele tivesse atacado o terrorista antes mesmo de este ter surgido.

Anthony tem de perguntar a Spencer o que se passou. É como se fosse uma necessidade física, urgente. *Spencer, como é que sabias?* Mas Spencer está ocupado a falar com Mark, o homem ferido pela bala e que recomeçou a gemer.

«Desculpa, amigo», diz Spencer. «Se me mexo daqui, morres.»

Mark não parece nada preocupado com o lanho que tem no pescoço. A mulher ao seu lado — que Anthony assume ser a esposa dele — está a começar a ficar agitada, a pensar que Mark pode ter ainda outro problema, que foi baleado duas vezes, ou que terá um traumatismo pela saída da bala. Finalmente, Alek lá resolveu prestar-lhe atenção.

Alek está de novo aqui.

Alek saca das tesouras do estojo de primeiros socorros que o próprio Anthony não se tinha apercebido estar a segurar.

Alek corta a camisa do homem, limpa-lhe o sangue e desliza a mão para cima e para baixo nas costas do homem, à procura de uma ferida. É de uma intimidade incómoda. Todos os três têm as mãos nuas no corpo dele a tentar mantê-lo vivo.

Não há sangue nas costas do homem.

Alek desapareceu outra vez.

Até Mark está calmo. «Malta, dói-me o braço», diz ele. Diz isto de modo suave. É um corte na artéria, e se está vivo é porque Spencer está a fazer pressão com os dedos, mas Mark não parece saber, ou importar-se, com o facto de que está a morrer.

«Não te posso mexer», diz Spencer. «Perderia o buraco.»

«Deixa-me só mexer um bocado. Dói-me mesmo o braço.»

«Pois. Não estamos preocupados de momento com o teu braço.»

Ninguém parece inteirar-se do quão séria a situação é. Mark parece não se importar com a ideia de que a sua cabeça está a meros centímetros do terrorista que o feriu. Estão deitados lado a lado no chão, ali mesmo na carpete. Nenhum deles se importa. O terrorista está inconsciente. E Mark não lhe fica muito atrás.

Ambos esperam.

Viajam no comboio mais trinta minutos.

Anthony sabe que a polícia em França vai querer falar com eles. Sabe que os jornalistas franceses também quererão falar com eles, muito

provavelmente. Por entre a neblina que começa a levantar-se da sua mente, ele começa a compreender que acabaram de se cruzar com um terrorista. *Parámos a porra de um terrorista!* Spencer e Alek são membros do exército dos Estados Unidos, de licença. Anthony sabe que isso será importante. Anthony sabe que isto será uma história enorme em França.

O comboio dirige-se para a estação, e quando encosta o rosto à janela, consegue ver a Polícia Nacional Francesa em posição de alerta, ao lado de veículos parecidos com os das equipas SWAT. Mesmo assim, não sabe o que se irá seguir. Que se tornarão famosos, não apenas em França mas também nos Estados Unidos. Que aparecerão na capa da revista *People*, que o presidente da Columbia Sportswear lhes emprestará o seu jato privado durante uma semana e que Anthony o usará para ir para casa, e que a sua chegada será transmitida por câmaras em helicópteros, que polícias à paisana rondarão as suas aulas na universidade, que se sentará ao lado de uma estrela de cinema lindíssima e que falará com Jimmy Fallon no seu programa, que o Presidente dos Estados Unidos os convidará para a Casa Branca, para que possam visitar as catacumbas secretas, e que Alek — Alek! — participará no *Dança com as Estrelas* e até chegará à final, que todos eles serão recebidos pela cidade natal com uma parada em honra deles, em cima de uma carrinha decorada, e que uma Megyn Kelly felicíssima ganhará o concurso a nível nacional para conduzir a primeira entrevista de grupo.

Quem diria que uma viagem que Anthony apenas havia planeado há uns meses, quando o seu pedido de um cartão de crédito de limite elevado, o qual não podia pagar de certeza, foi aceite por milagre, o tornaria numa celebridade internacional?

A única coisa que foi capaz de pensar nesse momento foi *Tenho de falar com o pai*.

O QUE ANTHONY COMPREENDERIA mais tarde é que, no momento em que reconheceu a ameaça que estava a enfrentar, o seu corpo foi tomado por uma série de alterações fisiológicas que o preparariam para a enfrentar, mas o impediriam de perceber com exatidão o que estava à sua volta. Isto alterou mesmo a maneira como ele se apercebia das imagens, dos sons e dos sentimentos. Outras pessoas chamariam isto de “reflexo de fuga ou luta”, mas isso não é suficiente, não expressa suficientemente o poder dos processos que tomaram conta dos corpos deles. E Anthony sabia do que estava a falar, pois era estudante universitário de Cinesiologia. No momento em

que se apercebeu do que estava a acontecer no comboio, químicos foram libertados, artérias contraíram-se e sistemas secundários foram desligados. Bombeou-se açúcar para onde era necessário, a razão pela qual sentira um nível de energia super-heroico. Mas também alterou as suas perceções. O corpo desligou os sentidos que não eram necessários para a missão. As pessoas não compreendem isto — os corpos deles *mudaram* mesmo. Tudo mudou, até os pequeninos músculos que achatam o cristalino dos olhos para que se possam focar em objetos a meia distância. Apropriados para ver predadores a atacar ou rotas de fuga, mas uma alteração que nos rouba a visão periférica. Viam como se através de um túnel.<sup>1</sup>

Mas a coisa mais fascinante de todas era que ele não estava a processar a informação de maneira exata, porque estava a excluir tudo o que não era crucial. Ele não se lembrava de mais ninguém naquela carruagem senão daquelas pessoas com que havia interagido. Spencer. O terrorista amarrado. Mark a aproximar-se cada vez mais da morte. Aliás, haveria mais gente naquela carruagem? Com toda a franqueza, ele não poderia dizer que se lembraria delas, ainda que ele soubesse que estariam ali, obviamente.

Mas mais importante ainda para o que estava a experienciar naquele momento, aquela inconsistência perturbadora e incómoda, é que no momento em que reconheceu o perigo e este processo se iniciou no seu interior, a sua perceção do *tempo* se alterou. Os acontecimentos eram-lhe apresentados num tempo mais lento do que estavam a ocorrer na verdade, e a sua memória gravou as coisas fora de ordem. Por vezes, a memória devolvia-lhe apenas uma branca. Mas também há uma razão para isto: à medida que o seu corpo foi tomado por transformações físicas, o *hardware* que forma memórias no seu cérebro foi recrutado para debitar químicos. A maquinaria de formação de memórias já não se limitava somente a formar memórias — parte do que estava a acontecer a Anthony naquele comboio é uma situação médica com um nome muito comum: amnésia. Ele não poderia formar memórias corretamente porque de facto o gravador de vídeo do seu cérebro estava a ser usado para outro fim.

Talvez seja essa a razão pela qual Anthony não tenha visto a pistola. Ou melhor, Anthony não se *lembra* de a ter visto. Este é um aspeto curioso sobre a memória: nem sempre quando está errada ela nos surge como que esbatida. Talvez seja essa a razão pela qual testemunhas de crimes violentos juram ter visto coisas que nunca viram, e juram que não viram coisas que ocorreram mesmo à frente delas. É por isso que, por vezes, vendedores que foram roubados não conseguem reconhecer o que se está a passar nas

filmagens tremidas das câmaras de vigilância do roubo ou assalto: aquilo que experienciaram na verdade foi sentido de forma totalmente diferente daquela que observam no ecrã.

Por vezes a memória poderá parecer precisa, como um modelo cortado a laser sobre o que aconteceu, o que nos permite ver uma imagem com muito pormenor ali mesmo à frente quando fechamos os olhos. Pode parecer-nos correto quando está errado. Como é que as memórias se formam senão através de um sistema de sensores dispostos à volta do nosso corpo para receber imagens, sons e odores? E se esses sentidos se desligarem? E se estiverem mal calibrados? E se a forma do olho estiver de tal forma que, parecendo-se com uma lente olho de peixe, a imagem que se captura é diferente? E se a forma como se experiencia o *tempo* se altera? A experiência do ataque foi diferente para Anthony em relação ao que foi para Alek, que teve uma experiência diferente da de Spencer. A aceleração e a quase pausa do tempo começou e acabou em momentos diferentes para cada um deles. Todos eles têm grandes manchas negras sobre as suas memórias de partes do ataque, e uma clareza extraordinária sobre outras partes.

Mais tarde, Spencer diria que teria adorado ter um vídeo do que aconteceu. Mas o seu irmão mais velho, Everett, um agente da patrulha de autoestrada, não concorda. Everett sabe o que é passar por um confronto traumático. E sabe que é incrivelmente diferente do que aquilo que uma câmara de segurança, desprovida de sentimentos, consegue capturar, o que se torna desorientador. «Mais vale que tenhas as tuas próprias memórias», disse Everett.

Mas é esse o problema. As memórias deles eram diferentes.

## AYOUB

*EM 1985, VÁRIOS POLÍTICOS europeus encontraram-se em Schengen, no Luxemburgo, para forjarem um acordo. O objetivo era o comércio livre. Os países europeus tinham valores idênticos, e se se conseguisse facilitar a passagem entre eles, poderia tornar-se mais simples o comércio. E um comércio mais simples seria algo de positivo para toda a gente, de benéfico para todas as economias. Todos os países se tornariam mais ricos à medida que bens e serviços circulassem sem entraves entre eles, com menos regulamentos, menos impostos, menos obstáculos nas fronteiras.*

*A ideia era transformar todo o território no que seria com efeito um país — quando se estivesse aqui dentro, estar-se-ia dentro. As fronteiras internas não significariam nada, na verdade.*

*Para alguém que viajasse de fora, o desafio estaria em entrar na Europa. Mas mal chegasse, poderia depois viajar pelo continente à vontade. Se tivesse um visto Schengen, certamente que não seria parado por controlos de passaportes. O acordo também tornou mais fácil as férias pela Europa para muitos estrangeiros, inclusive os turistas americanos. Não eram precisos vistos, e mal se chegasse a um dos países participantes, não era necessário mostrar outra vez os passaportes quando se atravessasse para um outro país.*

*Nem toda a Europa assinou o Acordo de Schengen de imediato, mas de entre os sete primeiros membros, três foram críticos: a Bélgica, a França e a Espanha. Isto tornou a Europa, ou pelo menos esses países, mais apelativos para turistas americanos. E para imigrantes.*

*AYOUB EL-KHAZZANI NASCEU EM Marrocos e viveu num local chamado Tetuão. Esse nome vem da palavra berbere para “olhos”, uma referência às fontes de água que povoam a cidade. Ayoub foi educado no que pode ser considerado um paraíso mourisco. A sua família não era rica, nem sequer pertencia à classe média, mas o mundo à volta dele era luxuriante, impregnado de souks a transbordar de artesanato, romãs e alamedas de amendoeiras nas colinas. Uma encruzilhada no norte de África. As vestes e produtos nas lojas*

*eram testemunho de todos aqueles que por aqui passaram e deixaram traços das suas culturas, em primeiro plano os Berberes, mas também os Mouros e os Córdoba. Era sobretudo uma cidade muçulmana e, de certa maneira, um reflexo de uma era que datava de há treze séculos, quando o mundo muçulmano se encontrava no seu auge em termos de riqueza e era uma potência cultural e intelectual. Um local que oferecia segurança e liberdades civis, no qual até os cristãos e os judeus eram protegidos por também serem filhos de Abraão. E apesar de pagarem impostos adicionais pelas suas crenças, sendo afinal ainda infieis, não tinham porém de integrar os exércitos. Esta era uma situação justa. Era equilibrada, estável e ordeira. O reinado do grande califa Omar eliminara a pobreza. Grandes descobertas científicas emergiriam deste lugar. O astrónomo e matemático al-Battani, que havia melhorado o cálculo preciso dos anos, vivia ali, tal como o pai da ótica, Ibn al-Haytham, que nos ensinou o facto de os olhos recebem luz, não a emitirem. Al-Farabi, o maior filósofo desde Aristóteles, estudara em Tetuão. Esta tinha sido a Casa da Sabedoria, em que as filosofias eram traduzidas do grego para o árabe para que pudessem atingir o Ocidente.*

*O mundo devia ao califado os seus conhecimentos. O Ocidente estava em dívida para com os muçulmanos.*

*Ayoub vivia muito a oeste da antiga Mesopotâmia, o lugar em que a explosão da cultura teve lugar no encontro do Tigre com o Eufrates, e que ficaria conhecido como Berço da Civilização. Mas a cidade de Ayoub não se deixava ficar para trás em relação ao Berço, parecendo-se com um lugar e um tempo que continuaria a produzir desejos poderosos nos seus descendentes.*

*E a qual, de vez em quando, também produzia atos de tremenda violência sobre aqueles que acreditavam que podiam fazer o mundo regressar a esse período utópico, se se conseguisse infligir danos suficiente sobre os poderes que haviam corrompido os muçulmanos, de tal maneira que mirrassem e se retraíssem como artérias cortadas.*

*Apesar das riquezas ao seu redor, não havia muito emprego. Ayoub encontrava-se próximo desse mundo rico e verdejante, mas não estava no seu interior. A sua família era pobre.*

*Em 2005, o pai de Ayoub foi forçado a entrar num ferry para chegar a Espanha, para lá encontrar um emprego melhor. Lá conseguiria arranjar trabalho numa sucateira, extraindo algum valor de coisas que as pessoas deixavam fora.*

*Esteve no estrangeiro durante dois anos, por isso Ayoub passou a sua adolescência dividido em duas vidas. Não órfão de pai, mas com um pai*

*ausente, a viver noutro país, noutro continente, e mesmo assim, não mais distante do que cento e cinquenta quilómetros. Ali, e não ali. Próximo, mas noutro mundo.*